

Em Espírito e em Verdade

A adoração que Deus procura receber!

André R. Fonseca

Em Espírito e em Verdade

A adoração que Deus procura receber!

André R. Fonseca

F676e

FONSECA, André Ribeiro

Em espírito e em verdade: a adoração que Deus procura receber! / André Ribeiro Fonseca

– 2015, 38 p.

1. Adoração. 2. Espírito. 3. João. I. Título

CDU 27 | CDD 248.4

ISBN 978-85-919135-2-7

Copyright 2015 © Todos os direitos reservados.

O autor é membro da Igreja Batista Jardim Santíssimo, bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Batista Carioca, pós-graduando em teologia bíblica no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e mestre em teologia - Faculdade Educacional de Teologia.

TRADUÇÕES BÍBLICAS UTILIZADAS NAS CITAÇÕES:

NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje, SBB.

ARA – Almeida Revista e Atualizada, SBB.

ARC – Almeida Revista e Corrigida, SBB.

AS21 – Almeida Século 21, Vida Nova.

NVI – Nova Versão Internacional, editora Vida.

*Minha querida filha,
Maysa.*

PREFÁCIO DO AUTOR

Não são poucos os que se lançam no desafio de explicar o que Jesus quis dizer com “adorar a Deus em espírito e em verdade”. Para escrever mais um livro sobre o assunto, precisaria ter bons motivos.

O ímpeto inicial foi a possibilidade de apresentar uma leitura diferente do texto bíblico que, de certa forma, se opõe ao que podemos chamar de “senso comum” dos evangélicos quanto à aplicação de João 4:23-24 no exercício da vida cristã – uma interpretação do texto, às vezes, muito mística e vazia de significado. Durante o momento de cânticos congregacionais, o cantor faz o convite para uma adoração a Deus *em espírito e em verdade*; mas, ninguém nunca acompanha o convite com uma explicação de como se faz isso! Como esperar uma adoração assim quando não se entende o que ela significa? Será que esse convite à Igreja faz algum sentido?

O segundo bom motivo é crer que posso contribuir para essa discussão de forma significativa, apresentando uma metodologia para a interpretação do Evangelho de João que poderá ser útil para além do texto em foco nesta obra. A interpretação bíblica, muitas vezes, depende de postulados, e buscarei fundamentar os meus citando obras de referência sem, necessariamente, complicar o que deveria ser simples. Uma vez que o objetivo é produzir um ensaio sobre o assunto, não há pretensão de ser exaustivo na elaboração da tese. Será comentado o mínimo suficiente para apoiar minhas premissas e conduzir o leitor à conclusão. Espero, assim, conseguir fazer aqueles que lerem meu livrinho enxergarem o texto bíblico do meu jeito. Posso estar completamente enganado na interpretação de João 4:23-24, mas esse é um julgamento que você deverá fazer ao terminar a leitura.

Espero que meu trabalho não se traduza apenas em labor intelectual, mas produza crescimento pessoal na edificação de todo o crente que entende que a maturidade de sua vida cristã depende do entendimento correto das Escrituras. A consideração de opiniões divergentes sobre o texto bíblico faz parte desse processo – que a minha seja apenas mais uma entre muitas em sua busca pela verdade.

Espero que a leitura seja prazerosa e proveitosa não só para aqueles envolvidos com a música na Igreja como também para os membros comuns, independente da maturidade cristã que alcançaram até o presente.

Soli Deo Gloria.
André R. Fonseca

“— Mulher, creia no que eu digo: chegará o tempo em que ninguém vai adorar a Deus nem neste monte nem em Jerusalém. Vocês, samaritanos, não sabem o que adoram, mas nós sabemos o que adoramos porque a salvação vem dos judeus. Mas virá o tempo, e, de fato, já chegou, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e em verdade. Pois são esses que o Pai quer que o adorem. Deus é Espírito, e por isso os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade”.

João 4:21-24 (NTLH)

SUMÁRIO

Introdução	7
A conversa com a mulher samaritana	8
Quem são os samaritanos?	9
Preconceito Religioso	9
O Preconceito Racial.....	10
Uma análise da conversa.....	12
O contexto imediato não responde	18
A organização temática de João	19
Problema com a harmonia dos evangelhos	20
Uma organização redacional temática.....	22
Um livro teológico de contrastes.....	24
A conversa com Nicodemos	24
Uma análise do diálogo	25
A rejeição dos judeus e aceitação dos gentios	28
Um contraste importante: carne vs. espírito.....	28
Adorar em espírito e em verdade.....	29
Conclusão	30
Uma nota sobre João 3:16.....	32
Referência Bibliográfica.....	38

INTRODUÇÃO

Qualquer cristão mais atento já deve ter se perguntado, pelo menos uma vez, que história é essa de adorar a Deus em espírito e em verdade. Uma vida cristã sadia não combina com conduta vazia de significado! Contudo, infelizmente, muitos repetem certos textos bíblicos como se fossem mantras sem nunca ter considerado seu significado real, contexto e profundidade. Parece-me que João 4:23-24 se enquadra nessa categoria de texto subestimado em seu sentido mais pleno e profundo.

Se a busca pela compreensão mais exata possível do texto bíblico não é, hoje, uma preocupação para o amigo leitor, considere que na antiguidade a história era outra. Cada povo tinha seu próprio deus, e as fartas colheitas ou os tempos de escassez dependiam do bom humor dos deuses – pelo menos, essa era a crença comum entre os povos. Nessas culturas, saber agradar os deuses era crucial para a sobrevivência. Podemos ver um claro exemplo dessa crença registrada na Bíblia em 2 Reis 17:25-26:

“Quando foram morar lá, eles não adoravam a Deus, o SENHOR, e por isso ele mandou leões, que mataram alguns deles. O rei da Assíria ficou sabendo que as pessoas que ele havia mandado morar nas cidades de Samaria não conheciam a lei do deus daquela terra, e por isso esse deus havia mandado leões, que estavam matando aquelas pessoas” (NTLH).

Na verdade, há duas crenças nessa pequena passagem bíblica: 1) os povos acreditavam que os deuses eram territoriais, cada terra tinha seu próprio deus para ser adorado e 2) algumas pessoas foram mortas por leões porque não sabiam agradar o deus daquela terra recém-ocupada. Não saber adorar os deuses era motivo de grande angústia, porque disso dependia o bem-estar. Portanto, a grande alegria do povo de Deus no Antigo Testamento era ter a Lei: um guia claro e preciso de como agradar o SENHOR. Podemos destacar as palavras do salmista:

“O SENHOR anuncia a sua mensagem aos descendentes de Jacó e dá as suas ordens e leis ao povo de Israel. Ele não fez assim com nenhuma outra nação; as outras nações não conhecem as suas leis. Aleluia!” (Salmo 147:19 e 20 – NTLH).

Quando o salmista aponta para o caminho de uma vida de santificação, ele diz: *“Guarda a tua palavra no meu coração para não pecar contra ti!”* (Salmo 119:11 - NTLH). Conhecer a Palavra de Deus é o primeiro passo a ser tomado por aqueles que desejam saber o que Deus espera deles. Como seria possível obedecer ao que não se conhece? Contudo, conhecer não é suficiente; precisamos alcançar a compreensão correta da vontade de Deus.

Jesus não discutia com os fariseus porque eles desconheciam a Lei – provavelmente eles tinham toda a Lei decorada –, mas sim porque eles não conseguiam compreendê-la. Sem compreensão, a probabilidade de fazer errado é muito grande. E, nesse caso, qual a diferença entre não fazer e fazer errado?

É comum, durante o culto, ouvir o convite para adorarmos a Deus *em espírito e em verdade*, porque essa é a adoração que Deus busca receber. Parece-me um chamado à ação, como se a adoração dependesse de uma *atitude*. Adorar a Deus *em espírito e em verdade* significa *fazer* ou *ser*? Se essa dúvida não incomoda meu caro leitor, tudo bem. Continue a leitura, porque há outras informações relevantes no livro. Entretanto, se você também se sente apoucado, espero conseguir apresentar uma boa resposta.

A CONVERSA COM A MULHER SAMARITANA

Parece incrível, mas precisamos escrever um livro de número considerável de páginas para explicar apenas dois pequenos versículos da Bíblia. Esta é a importância de estudar teologia! Quem acha que pode ser “iluminado” para entender o texto bíblico sem a necessidade de estudar, engana-se redondamente! Que bom que você está lendo este e-book. Isso é sinal que você gosta de estudar e entende a importância da “instrução” no caminhar da vida cristã.

“Mas virá o tempo, e, de fato, já chegou, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e em verdade. Pois são esses que o Pai quer que o adorem. Deus é Espírito, e por isso os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade” (João 4:23-24 – NTLH).

O Evangelho de João é o livro dos grandes diálogos de Jesus. Ele não parece bater tanto papo nos outros Evangelhos. No quarto Evangelho, Jesus conversa com Nicodemos, tem longos bate-bocas com escribas e fariseus, consola as irmãs de Lázaro conversando com elas, instrui seus discípulos dialogando com eles e Jesus conversa até com o Pai em oração. A prosa, registrada por João, que nos apresenta a famosa “fórmula” de adoração foi entre Jesus e uma mulher samaritana. Para tentar encontrar a nossa resposta pelo contexto imediato do texto, precisamos entender primeiro o que significava ser um samaritano para contextualizar o diálogo.

QUEM SÃO OS SAMARITANOS?

Já ouvi explicações, das mais alucinadas, para o porquê da picuinha entre judeus e samaritanos como registrada no Novo Testamento. Ainda hoje existe uma comunidade de samaritanos, e, há poucos anos, o jornal O Globo publicou uma matéria sobre a origem e o futuro dos samaritanos. Segue o trecho da reportagem que trata das supostas origens desse povo:

“Sua origem é debatida entre pesquisadores. Eles acreditam serem descendentes diretos de duas das 12 tribos de Israel (derivadas dos 12 filhos do patriarca bíblico Jacó): Menashe e Efraim. Teriam se tornado uma religião à parte depois da conquista da Terra Santa por Nabucodonosor, em 587 a.C. Os samaritanos ficaram na Judeia ocupada, enquanto os israelitas passaram meio século na Babilônia. Quando voltaram, a dissonância entre as religiões já era grande demais. Outra teoria é de que são fruto da mistura de judeus locais com populações estrangeiras levadas para lá”.¹

A primeira teoria explica somente a origem do preconceito dos judeus contra os samaritanos, mas a segunda teoria explicar melhor a origem do preconceito e da própria gênese do povo, uma vez que os judeus não reconheciam mais os samaritanos como israelitas, mas sim novo povo. A mistura dos samaritanos com outros povos – considerando que houve remanescentes originais da cidade após a conquista pela Assíria – foi tão profunda que eles, na verdade, foram assimilados por outra cultura, perdendo a “pura” etnia judaica. É surpreendente que o próprio patriarca samaritano Yousuf Cohen, de 75 anos, declara, na matéria de O Globo, que os samaritanos do século 21 estão literalmente “trocando de sangue”. Por que não aceitar a queixa dos judeus dois mil anos atrás?

Preconceito Religioso

Quando o reino unificado do período de Davi e Salomão entrou em colapso, Jeroboão, que assumiu o reino do norte após a morte de Salomão, pensou em uma estratégia para evitar o contato dos israelitas com judeus. A história está registrada em 1 Reis 12:25-31, vejamos:

“O rei Jeroboão, de Israel, cercou de muralhas a cidade de Siquém, na região montanhosa de Efraim, e morou um pouco de tempo ali. Depois saiu e cercou de muralhas a cidade de Penuel. Então pensou: ‘Do jeito que as coisas estão, se o meu povo for a Jerusalém oferecer no Templo sacrifícios ao SENHOR Deus, os corações deles vão cair para o lado de Roboão, rei de Judá, e eles me matarão’. Por isso, ele fez dois touros de ouro e disse ao seu povo: — Já chega de ir a Jerusalém para adorar a Deus. Povo de Israel, aqui estão os seus deuses, que tiraram vocês do Egito! Ele colocou um dos touros de ouro em Betel e o outro em Dã. E assim o povo pecou, indo adorar em Betel e em Dã.

¹ Os novos samaritanos de Israel por Daniela Kresch. O Globo – Sábado 3/11/2012, página 30.

Jeroboão também construiu lugares de adoração no alto dos morros e escolheu para sacerdotes homens que não eram da tribo de Levi” (NTLH).

Se continuarmos lendo até o capítulo 13, verso 10, encontraremos mais dois relatos significativos para a compreensão do preconceito religioso. Além de estabelecer a idolatria dos touros de ouro, Jeroboão também ordena a celebração de uma festa na mesma data da festa religiosa em Judá, reino do sul, para competir com eles. Lembre-se que a estratégia era fazer com que o povo do norte não tivesse contato com o povo do sul. E estas atitudes de Jeroboão foram condenadas por um profeta de Judá, e a coisa toda acontece de forma traumática: quando Jeroboão aponta para o profeta e dá ordens para prendê-lo, seu braço fica paralisado!

Esse, então, é o relato central para explicar a origem do racha religioso entre o reino do norte e do sul, Israel e Judá respectivamente. Mas onde está a conexão de tudo isso com os samaritanos? Fácil, Samaria era a capital do reino do norte, assim como Jerusalém era a capital do reino do sul. É claro que os samaritanos não são responsáveis diretos pelo caos religioso, mas não é possível separar os samaritanos da religião idólatra que foi adotada em todo o território do norte, incluindo a capital Samaria.

O Preconceito Racial

Depois que o reino do norte caiu aos pés da Assíria, a capital Samaria foi ocupada pelos assírios, uma ocupação permanente para marcar presença no território conquistado. Era costume da Assíria, também, ocupar a terra conquistada com outros povos que estavam debaixo de seu domínio. Ou seja, Samaria tornou-se provavelmente uma cidade com pluralidade racial e religiosa – cada povo com sua própria religião e costumes.

“Então Salmaneser invadiu Israel e cercou a cidade de Samaria. No terceiro ano do cerco, que era o nono ano do reinado de Oséias, o rei da Assíria conquistou a cidade de Samaria e levou os israelitas para a Assíria como prisioneiros. Ele mandou que alguns fossem morar na cidade de Hala, outros, perto do rio Habor, que fica no distrito de Gozã, e ainda outros, nas cidades da Média. A cidade de Samaria foi conquistada porque os israelitas pecaram contra o SENHOR, seu Deus, que os havia livrado de Faraó, rei do Egito, e os havia tirado para fora daquele país. Eles adoraram outros deuses, seguiram os costumes dos povos que o SENHOR havia expulsado conforme eles avançavam e seguiram também os costumes adotados pelos reis de Israel” (2 Reis 17:5-8 - NTLH).

“O rei da Assíria trouxe gente das cidades de Babilônia, Cutá, Iva, Hamate e Sefarvaim e os fez morar nas cidades de Samaria, em lugar dos israelitas que haviam sido levados como prisioneiros. Esses assírios tomaram posse daquelas cidades e ficaram morando ali” (2 Reis 17:24 - NTLH).

Continuando a leitura de 2 Reis 17:24 até o verso 41, aprendemos que o povo, ocupando a cidade de Samaria, estava sendo atacado por leões. Acreditava-se naquela época que os deuses eram territoriais, e o povo que passou a habitar aquela terra deveria adorar o deus do território de Samaria. O rei assírio deu ordem para que sacerdotes samaritanos fossem levados de volta. Esses sacerdotes deveriam ensinar os costumes religiosos de Samaria com a esperança de aplacar a ira divina e acabar com a “praga” dos leões.

Conclusão, os moradores de Samaria, os novos samaritanos do período neotestamentário, não são realmente israelitas. Os novos samaritanos são oriundos de outros povos que habitaram a capital do reino do norte após a conquista do território pela Assíria, que apenas adotaram as práticas religiosas dos habitantes originais – e, provavelmente, religiosidade já corrompida desde o rompimento com o reino do sul. Com a mistura de religiões dos povos que passam a ocupar a Samaria, podemos, ainda, considerar certo sincretismo.

É importante lembrar que, no retorno do exílio, os judeus se empenhavam na reconstrução da cidade de Jerusalém, do Templo e da “purificação” do povo, como relatado nos livros de Esdras e Neemias. A reforma de Neemias condenava o casamento de judeus com mulheres estrangeiras, leia o capítulo 13 do livro de Neemias. É claro que os judeus rejeitariam os samaritanos diante da “xenofobia” daquele período.

Observe que no relato de 2 Reis 17 – que apresenta a origem dos novos samaritanos como um povo estrangeiro que apenas adotou as tradições religiosas, mas sem conexão de sangue (não eram israelitas de fato) – encontramos as seguintes declarações: “*Até hoje eles continuam com os seus costumes*”, e “*até hoje os seus descendentes continuam a fazer a mesma coisa*”, versículos 34 e 41 respectivamente.

O próprio relato bíblico, portanto, demonstra que o editor (ou autor) do texto de 2 Reis é bem posterior aos eventos relatados. É possível que o autor/editor não tenha presenciado os eventos que relatou no texto bíblico; mas, buscou explicar, pelo seu relato, o porquê do preconceito contra os samaritanos – já percebido no período de Neemias durante a reforma da cidade e da própria religião judaica, preconceito que se arrastou até os dias do Novo Testamento: “*Ela disse isso porque os judeus não se dão com os samaritanos*” (João 4:9 – NTLH).

UMA ANÁLISE DA CONVERSA

Vamos analisar cuidadosamente a conversa de Jesus com a mulher samaritana. O texto bíblico, capítulo 4 de João, versos de 1 a 30, foi extraído da Nova Tradução na Linguagem de Hoje:

“Os fariseus ouviram dizer que Jesus estava ganhando mais discípulos e batizava mais pessoas do que João. (De fato, não era Jesus quem batizava, e sim os seus discípulos.) Quando Jesus ficou sabendo disso, saiu da Judéia e voltou para a Galileia. No caminho, ele tinha de passar pela região da Samaria”.

Em João 3:22, encontramos a informação de que Jesus batizava na região da Judeia. Talvez, por isso, João achou necessário fazer essa ressalva no capítulo 4 sobre quem verdadeiramente batizava: seus discípulos. No início do Evangelho de João, vemos que os fariseus vigiavam João Batista bem de perto (João 1:19-28). O fato de Jesus começar a reunir mais discípulos que João Batista pode ter despertado a atenção dos fariseus. Para despistá-los e evitar uma perseguição antecipada, Jesus resolveu voltar para a Galileia. Encontramos, em Mateus 8:4 e 9:30, Jesus pedindo às pessoas que não contassem a ninguém as coisas que estava fazendo, e muitos entendem que sua atitude visava evitar sua exposição desnecessária. João mesmo registra que a perseguição, prisão e crucificação deveriam ocorrer no momento certo:

“Então quiseram prender Jesus, mas ninguém fez isso porque a sua hora ainda não tinha chegado” (João 7:30 – NTLH).

“Jesus disse essas coisas quando estava ensinando no pátio do Templo, perto da caixa das ofertas. Ninguém o prendeu porque ainda não tinha chegado a sua hora” (João 8:20 – NTLH).

Os judeus que precisavam sair da Judeia ou Jerusalém para ir até à Galileia costumavam cruzar o rio Jordão e subir pelo outro lado só para evitar passar por Samaria²; embora, fosse o caminho mais curto. Jesus faz justamente o contrário. João diz que era necessário passar por Samaria, e essa necessidade pode não ser geográfica, como se o único caminho fosse aquele. Natural seria seguir pelo outro lado do rio Jordão como todos os judeus faziam. Acredito que essa necessidade mencionada por João foi uma estratégia para despistar os fariseus. Se os judeus evitavam aquele caminho, nenhum fariseu o seguiria. Ou seja, ao saber que os fariseus ficariam na sua cola porque começara a chamar mais atenção do que

² Ver nota de rodapé da Bíblia de Estudos NVI (2013).

João Batista, Jesus resolveu voltar para a Galileia. Para garantir que nenhum dos fariseus o seguisse, julgou necessário fazer o caminho passando por Samaria. Essa interpretação é um pouco especulativa, mas tem o mínimo de fundamento nos costumes e fatos históricos para se sustentar. Por enquanto, fico com ela!

“Ele chegou a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, que ficava perto das terras que Jacó tinha dado ao seu filho José. Ali ficava o poço de Jacó. Era mais ou menos meio-dia quando Jesus, cansado da viagem, sentou-se perto do poço. Uma mulher samaritana veio tirar água, e Jesus lhe disse: — Por favor, me dê um pouco de água. (Os discípulos de Jesus tinham ido até a cidade comprar comida.) A mulher respondeu: — O senhor é judeu, e eu sou samaritana. Então como é que o senhor me pede água? (Ela disse isso porque os judeus não se dão com os samaritanos.)”

Segundo a nota de rodapé de “A Bíblia de Estudos NTLH” (SBB, 2012), Sicar pode ser a cidade de Siquém (Gênesis 33:18-19), que ficava no vale entre o monte Gerizim e o monte Ebal. Ou outro povoado, hoje chamado Ascar, que fica a mais ou menos 1 km ao norte do poço de Jacó (Gênesis 33:19, 48:22 e Josué 24:32).

João menciona o horário da conversa, e alguns interpretam que não era normal buscar água ao meio-dia, quando o sol estava mais forte. O horário mais comum seria o cair da tarde, isso por causa do relato encontrado em Gênesis 24:11:

“Quando o empregado chegou, fez os camelos se ajoelharem perto do poço, fora da cidade. Era de tardinha, a hora em que as mulheres vinham buscar água” (NTLH).

Daí, alguns concluem que a mulher tinha algo a esconder: seu estado matrimonial. Mais adiante, na conversa, Jesus diz que ela foi casada com cinco maridos e o sexto não era, de fato, casado com ela. Ir buscar a água em horário incomum seria uma maneira de evitar os olhares de reprovação. Vejo alguns problemas nessa interpretação.

Primeiro, quando Flávio Josefo, em sua obra “História dos Hebreus” (Capítulo 5, §89), trata do encontro de Moisés com as filhas de Jetro, ele afirma que o relato de Êxodo 2:15-17 ocorre ao meio-dia, informação que não está no texto bíblico. Isso nos faz crer que Flávio Josefo repetia alguma tradição oral a respeito do texto e que, de certa forma, demonstrava a naturalidade da narrativa atribuindo o horário de meio-dia, provavelmente, por ser a prática comum.

Segundo, a mulher samaritana reconheceu Jesus como profeta por mencionar algo muito particular de sua vida. Se o estado matrimonial dela fosse de conhecimento público a ponto de causar-lhe constrangimento em sua comunidade, ela não consideraria o comentário

de Jesus algo extraordinário para chamá-lo de profeta; seria, no mínimo, mais um fofoqueiro de sua vida.

O Evangelho de João dá grande ênfase à natureza divina de Jesus, mas há também observações sobre sua natureza humana. Aqui, encontramos João registrando que Jesus ficou cansado da viagem e teve sede. Vale lembrar que João provavelmente escreveu seu Evangelho por volta do ano 90 d.C. Ainda que alguns estudiosos defendam uma data ainda muito posterior para o surgimento do gnosticismo, bem mais presente no período da Patrística, nos séculos II e III, alguma forma de gnosticismo, ainda que embrionário, chamado pelos estudiosos de “proto-gnosticismo”, já deveria existir quando João redigiu seu texto. Muitas declarações de João em seu Evangelho e nas epístolas parecem assumir um tom apologético, uma defesa da fé verdadeira contra os ensinamentos heréticos do gnosticismo³.

Quando Jesus pede por água, a mulher mostra sua surpresa de ele, sendo judeu, pedir água a uma samaritana. E João faz a observação que “os judeus não se dão com os samaritanos”. Outra tradução possível: “os judeus não usam os utensílios dos samaritanos”. Havia um rigor, entre os judeus, no lavar dos utensílios de cozinha que, provavelmente, não era seguido pelos samaritanos. Isso poderia fazer com que Jesus, um judeu, evitasse pedir água à mulher samaritana, veja Marcos 7:3-4:

“(Os judeus, e especialmente os fariseus, seguem os ensinamentos que receberam dos antigos: eles só comem depois de lavar as mãos com bastante cuidado. E, antes de comer, lavam tudo o que vem do mercado. Seguem ainda muitos outros costumes, como a maneira certa de lavar copos, jarros, vasilhas de metal e camas.)” (NTLH).

Os samaritanos eram considerados impuros pelos judeus, e é possível, também, que tocar nos utensílios de um samaritano tornasse o judeu impuro. A conversa continua, e Jesus tenta chamar a atenção para o que realmente importa: quem ele era e a oportunidade que ela tinha de mudar sua vida!

“Então Jesus disse: — Se você soubesse o que Deus pode dar e quem é que está lhe pedindo água, você pediria, e ele lhe daria a água da vida. Ela respondeu: — O senhor não tem balde para tirar água, e o poço é fundo. Como é que vai conseguir essa água da vida? Nosso antepassado Jacó nos deu este poço. Ele, os seus filhos e os seus animais beberam água daqui. Será que o senhor é mais importante do que Jacó?”

³ Ver: CARSON, D. A. e MOO, Douglas J. An Introduction to the New Testament. Zondervan, 2ed. pp. 35 e 36, 67 e 267. E também: CARSON, D. A. O Comentário de João. [tradução Daniel de Oliveira & Vivian Nunes do Amaral]. — São Paulo, Shedd Publicações, 2007. pp. 25-69.

As palavras ὕδωρ ζῶν /hidor zon/, traduzidas aqui por “água da vida” e “água viva” nas traduções ARA, AS21 e NVI, poderiam ser uma espécie de trocadilho para a expressão “água fresca” ou “água corrente”. Por isso a mulher samaritana continuou o diálogo como se Jesus estivesse falando da água do poço.

“Então Jesus disse: — Quem beber desta água terá sede de novo, mas a pessoa que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Porque a água que eu lhe der se tornará nela uma fonte de água que dará vida eterna”.

Jesus deixa claro que a água do poço era só um pretexto. A água que ele estava oferecendo a ela era especial, milagrosa, e sua oferta não deveria ser entendida literalmente. Precisamos observar que, na narrativa joanina, as pessoas tinham dificuldades para entender o que Jesus queria dizer. Jesus falava de coisas espirituais e transcendentais, mas as pessoas insistiam em entendê-lo pela via terrena, ao pé da letra. Jesus falou com Nicodemos sobre um “nascido de novo” no sentido espiritual, mas foi entendido literalmente, como “voltar para o ventre da mãe sendo velho”. Aqui, na narrativa do diálogo com a mulher samaritana, não foi diferente.

“Então a mulher pediu: — Por favor, me dê dessa água! Assim eu nunca mais terei sede e não precisarei mais vir aqui buscar água”.

Jesus prometeu uma água viva – provavelmente água fresca no entendimento da mulher samaritana – que jorraria eternamente, e quem dela bebesse nunca mais teria sede novamente! A samaritana continua pensando fora da esfera espiritual e acha que, por meio dessa água miraculosa, ela não precisaria mais ter o trabalho de buscar água do poço. Ela claramente ainda não havia entendido a natureza da oferta de Jesus. Então, ele parece resolver mudar de assunto.

“— Vá chamar o seu marido e volte aqui! — ordenou Jesus. — Eu não tenho marido! — respondeu a mulher. Então Jesus disse: — Você está certa ao dizer que não tem marido, pois já teve cinco, e este que você tem agora não é, de fato, seu marido. Sim, você falou a verdade. A mulher respondeu: — Agora eu sei que o senhor é um profeta!”

Como já mencionado, a mulher considerou Jesus um profeta por ter conhecimento de um fato muito privado. Parece-me que essa guinada na conversa causou o efeito que ele esperava, agora ela estava ciente de que não conversava com uma pessoa comum, e o diálogo, finalmente, transitava na esfera espiritual. Por isso a samaritana puxa a conversa para o assunto adoração:

“Os nossos antepassados adoravam a Deus neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde devemos adorá-lo”.

Precisamos lembrar que houve um cisma religioso entre os reinos do sul e do norte (Judá e Israel), como já mencionado acima quando tratei da origem dos samaritanos. Havia uma rivalidade entre Judeus e Samaritanos que se arrastava por séculos, e essa segregação provavelmente contribuiu para a eleição de um lugar alternativo de adoração pelos samaritanos. O monte Gerizim era especialmente sagrado para os samaritanos, e, pela proximidade geográfica, a mulher provavelmente fazia referência a este monte quando disse: *“os nossos antepassados adoravam a Deus neste monte”*. Podemos citar três evidências: 1) Abraão e Jacó edificaram altares nas proximidades (Gênesis 12:6-8 e 33:18-20); 2) de acordo com o Pentateuco samaritano, teria sido no monte Gerizim, e não no monte Ebal, o lugar onde Moisés ordenou a construção de um altar (Deuteronômio 27:4-6) e 3) um templo foi construído pelos samaritanos no monte Gerizim por volta do ano 400 a.C., destruído pelos judeus 200 anos depois de sua construção como relatado pelo historiador judeu. (JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus, capítulo 8 - §450, §452 e capítulo 17 - §537).

“Jesus disse: — Mulher, creia no que eu digo: chegará o tempo em que ninguém vai adorar a Deus nem neste monte nem em Jerusalém. Vocês, samaritanos, não sabem o que adoram, mas nós sabemos o que adoramos porque a salvação vem dos judeus. Mas virá o tempo, e, de fato, já chegou, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e em verdade. Pois são esses que o Pai quer que o adorem. Deus é Espírito, e por isso os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade”.

Como foi mencionado acima, Jesus poderia estar se referindo ao templo dos samaritanos, que foi destruído aproximadamente 200 anos antes, e o templo de Jerusalém, que seria destruído alguns anos mais tarde, no ano 70 d.C., durante a invasão de Jerusalém. Os samaritanos já não tinham mais um templo; e, em pouco tempo, os judeus perderiam o templo em Jerusalém. Portanto, ninguém adoraria a Deus nem em Gerizim nem em Jerusalém.

Os samaritanos seguiam apenas o Pentateuco e, como rejeitavam a maior parte do conjunto de textos inspirados, tinham pouco conhecimento de Deus. A salvação, portanto, tem origem nos judeus não só pelo legado da obra inspirada que revelaria o Messias como também o fato de o Messias ser judeu.

É nesse ponto da narrativa que Jesus fala da natureza da adoração, que gerou a necessidade de escrever este livro. Com base no que conseguimos analisar até o momento, é possível que a *“adoração em espírito”* tenha relação com ausência de lugar para adorar a

Deus. Ele é espírito, e os adoradores que adoram em espírito não estão presos a um templo para adoração. O lugar é irrelevante! O que importa é adorar o Pai em espírito e em verdade, porque Ele é espírito.

Acredito que a explicação para o significado de “*adorar em espírito*” seja composta de duas realidades que se complementam, a primeira é: o lugar onde se deve adorar é irrelevante! Aqui temos, portanto, a consequência da *adoração em espírito*: ter um templo para prestar adoração é desnecessário.

João não diz para quem estava escrevendo seu Evangelho; diferente, por exemplo, de Lucas, que endereça seu Evangelho a Teófilo. Quanto aos destinatários de João, há muita discussão. Não entrarei em detalhes, pois fugirá muito do escopo do livro; mas posso salientar que se os destinatários originais de João eram judeus, essa mensagem seria de grande conforto, dada a importância do templo de Jerusalém para seus destinatários. O Evangelho de João foi escrito depois da destruição do templo e providenciaria aqui um consolo para os judeus convertidos, mostrando a irrelevância do templo na adoração. Deus é espírito, e por isso o que importa é adorar a Deus em espírito e em verdade.

A segunda realidade que compõe o significado de “*adorar em espírito*” – não a consequência, como apresentada acima, mas a explicação de como é possível adorar em espírito – virá depois. Preciso trabalhar ainda outros postulados para sustentar meus argumentos. Por enquanto, prossigamos com a leitura.

“A mulher respondeu: — Eu sei que o Messias, chamado Cristo, tem de vir. E, quando ele vier, vai explicar tudo para nós. Então Jesus afirmou: — Pois eu, que estou falando com você, sou o Messias”.

O entendimento dos samaritanos de quem seria o Messias era muito limitado, dada a aceitação apenas do Pentateuco. A fé e a esperança na vinda de um Messias estariam fundamentadas basicamente apenas na declaração de Moisés: “*Do meio de vocês Deus escolherá para vocês um profeta que será parecido comigo, e vocês vão lhe obedecer*” (Deuteronômio 18:15 – NTLH). A resposta da mulher samaritana soa, pelo menos para meu ouvido, como uma grosseria, um desprezo do ensinamento de Jesus sobre adoração. Ela ainda não reconhecia Jesus como o Messias, aquele a quem Moisés recomendou que obedecessem. Ou seja, para a mulher samaritana, a instrução de Jesus sobre adoração não tinha valor, porque só o Messias explicaria tudo para eles. Se isso era o que faltava para ela dar ouvidos a ele, Jesus considerou ser o momento mais oportuno da conversa para se

apresentar como aquele que os samaritanos esperavam, parecido com Moisés, para obedecerem: *“Pois eu, que estou falando com você, sou o Messias”*.

“Naquele momento chegaram os seus discípulos e ficaram admirados, pois ele estava conversando com uma mulher. Mas nenhum deles perguntou à mulher o que ela queria. E também não perguntaram a Jesus por que motivo ele estava falando com ela. Em seguida, a mulher deixou ali o seu pote, voltou até a cidade e disse a todas as pessoas: — Venham ver o homem que disse tudo o que eu tenho feito. Será que ele é o Messias? Muitas pessoas saíram da cidade e foram para o lugar onde Jesus estava”.

O CONTEXTO IMEDIATO NÃO RESPONDE

Como podemos verificar, a análise do contexto imediato de João 4:23 e 24 não é suficiente para chegar a uma conclusão definitiva. O texto apenas explicaria que o lugar para adoração seria irrelevante, porque Deus é espírito e seus adoradores deveriam adorá-lo em espírito; mas está longe de explicar como isso acontece! Jesus parece misterioso para a mulher samaritana no início da conversa, e parece-me que Jesus continua enigmático para nós mesmos quando terminamos a leitura. O que Jesus quis dizer com: *“Deus é Espírito, e por isso os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade”*? A confusão mental da mulher parece ser a mesma para os leitores de hoje que interpretam as palavras de Jesus sempre de forma diferente do que ele realmente quis dizer.

Mencionei que a explicação seria composta de duas realidades. Já falei da primeira, sobre a irrelevância do Templo – o cristianismo surge sem a mínima dependência do Templo –; a segunda será encontrada na análise de um contexto mais amplo. João foi um competente escritor! Para que o leitor chegasse ao capítulo 4 seria necessário ter passado pelo capítulo 3, e acredito que Jesus definiu o significado de *“adorar em espírito e em verdade”* no decorrer de sua conversa com Nicodemos e a consequência, como já mencionei, na conversa com a mulher samaritana.

Vale lembrar que João não escreveu seu Evangelho dividido em capítulos. Essa divisão em capítulos e versículos de nossas Bíblias foi formatada entre os séculos XIII e XVI. Temos o hábito de fragmentar nossa leitura em capítulos e versículos como se fossem unidades de pensamento independentes. Isso é um engano! Precisamos ter o cuidado de não isolar a interpretação de um capítulo ou versículo do texto que vem antes ou depois.

Desejo demonstrar a importância de considerar o diálogo de Jesus com Nicodemos para uma melhor compreensão de sua conversa com a mulher samaritana. Preciso explicar como acho que o escritor, João, desenvolveu a redação de seu Evangelho, tecendo o mesmo assunto, engenhosamente, entre os dois diálogos registrados nos capítulos 3 e 4. Dedico-me,

a partir de agora, a descrever brevemente a metodologia que emprego para interpretar o Evangelho de João. Leia com bastante atenção!

A ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA DE JOÃO

Já está bem claro, pelo menos para mim, que João decidiu escrever o seu Evangelho em ordem temática; diferente dos outros evangelistas que buscaram desenvolver uma narrativa da vida de Jesus em ordem cronológica. Lucas, por exemplo, diz que seu objetivo era produzir um relato ordenado:

“Prezado Teófilo, muitas pessoas têm se esforçado para escrever a história das coisas que aconteceram entre nós. Elas escreveram o que foi contado por aqueles que viram essas coisas desde o começo e anunciaram a mensagem do evangelho. Portanto, Excelência, eu estudei com todo o cuidado como foi que essas coisas aconteceram desde o princípio e achei que seria bom escrever tudo em ordem para o senhor, a fim de que o senhor pudesse conhecer toda a verdade sobre os ensinamentos que recebeu” (Lucas 1:1-4 – NTLH).

Acredita-se que Marcos foi o primeiro a escrever, e seu Evangelho teria servido de modelo para Mateus e Lucas. Há quem defenda a tese de que existiu outra fonte, chamada de documento Q – do alemão “Quelle”, que significa “fonte” –, utilizada por Mateus, Marcos e Lucas. Não temos nenhuma evidência material da existência de um documento Q, mas faz muito sentido pensar que esses evangelistas se guiaram pelo mesmo documento fonte para redigirem seus Evangelhos⁴.

A língua grega é muito flexível quanto à ordem das palavras nas orações. É natural para o falante de língua portuguesa identificar a função sintática das palavras pela ordem que aparecem na oração. A troca de ordem de dois substantivos pode modificar completamente a semântica. Considere as orações:

- a) Minha mãe pegou o ônibus.
- b) O ônibus pegou minha mãe.

A segunda oração é claramente uma tragédia! A língua portuguesa não permite a troca de ordem das palavras numa oração sem comprometer seu significado. Isso não acontece com a língua grega! Há grande flexibilidade para a disposição das palavras numa oração. Ou seja, podemos falar exatamente a mesma coisa, em língua grega, mantendo integralmente o seu

⁴ Ver: CARSON, D. A e MOO, Douglas J. An Introduction to the New Testament. Zondervan, 2ed. pp. 92-101. Os autores defendem que a fonte Q é a melhor explicação para a harmonia existente entre os Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas.

valor semântico com construções de frases completamente diferentes na disposição das palavras.

Alguns trechos dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas parecem copiados da mesma fonte, porque os três seguiram a mesma ordem das palavras⁵. E a coincidência dos assuntos abordados entre os três é muito grande. O mesmo não acontece com João.

Vale lembrar que nenhum dos evangelistas escreveu durante o ministério de Jesus, nem mesmo logo depois de sua morte. A datação do Evangelho de Marcos, que se acredita ter sido o primeiro a escrever, está estimada entre a década de 50 ou início dos anos 60. Ou seja, pelo menos 20 anos depois da crucificação! O Evangelho de João, o mais tardio, teria sido escrito em meados dos anos 80 ou até mesmo no ano 90 – aproximadamente 60 anos depois de ter andado com Jesus!

PROBLEMA COM A HARMONIA DOS EVANGELHOS

Quando se fala de documento Q, consideram-se apenas os sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas –, João fica de fora. O autor do quarto Evangelho não parece nem mesmo ter utilizado o texto de outro evangelista para seguir algum roteiro da narrativa. As tentativas de harmonizar os Evangelhos sempre tropeçam em João. Apresento abaixo algumas das complicações:

Segundo Carson (2007) um leitor atento não precisaria de muito esforço para perceber as diferenças notáveis entre o quarto Evangelho (João) e os sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas). Ele lista seis diferenças significativas, destaco apenas as três que são relevantes para sustentar meu argumento.

“[...] o evangelho de João não inclui grande parte do material característico dos sinóticos. Não há parábolas narrativas em João, tampouco relato da transfiguração, nenhum registro da instituição da ceia do Senhor, nenhuma palavra sobre Jesus expulsando demônios, nenhuma menção às tentações de Jesus. Há menos declarações breves e vigorosas, e mais discursos, mas alguns discursos que se encontram nos sinóticos (e.g. o discurso no monte das Oliveiras, Mc 13 par.) não aparecem em João. Embora, indubitavelmente, pressuponha-se o batismo de Jesus e o chamado dos Doze, na verdade não são descritos. Mesmo temas centrais dos sinóticos quase desaparecem no evangelho de João: em particular o Reino de Deus ou o Reino dos céus, que é parte de uma pregação de Jesus nos evangelhos sinóticos – o tema central de suas parábolas narrativas é raramente mencionado como tal [...].”⁶

⁵ É verdade que esse fenômeno também pode ter sido gerado por copistas que tentaram harmonizar as falas comuns entre os evangelhos. Contudo, a tese do documento Q se sustenta porque tais harmonias deveriam aparecer em cópias mais tardias e as divergências deveriam surgir em documentos mais antigos.

⁶ CARSON, D. A. O Comentário de João ; tradução: Daniel de Oliveira & Vivian Nunes do Amaral. – São Paulo ; Shedd Publicações, 2007. p. 23

O contrário também é verdadeiro, muito da narrativa de João não aparece nos sinóticos. O que demonstra que sua redação é realmente independente!

“[...] Todo o material que está em João 2 - 4, incluindo-se, por exemplo, a miraculosa transformação de água em vinho, seu diálogo com Nicodemos e seu ministério em Samaria não tem contraparte nos sinóticos. Ademais, a ressurreição de Lázaro, as freqüentes visitas de Jesus a Jerusalém, e seus extensos diálogos ou discursos no templo e em várias sinagogas, sem mencionar muito de suas instruções particulares aos discípulos, são exclusividade do quarto evangelho. [...] Apenas em João Jesus é explicitamente identificado como Deus (1.1,18; 20.28). Aqui, também, Jesus faz uma série de afirmações importantes do tipo: “Eu sou”: Eu sou a luz do mundo, a ressurreição e a vida, o bom pastor, a videira, o pão vivo, a água viva, o caminho, a verdade e a vida. E elas culminam em uma série de declarações absolutas do tipo: “Eu sou”, que recendem a Deus [...].”⁷

Mas a principal questão é a complicação na cronologia entre relatos comuns nos Evangelhos. Estas discrepâncias são indicações, em minha opinião, de que o evangelista não seguiu uma ordem cronológica em seu relato.

“[...] há várias dificuldades cronológicas que se deve apontar. Além das questões óbvias, como a relação entre purificação do templo, no início (Jo 2.14- 22) e no final (Mc 11.15-17 par) do ministério público de Jesus, ou a duração desse ministério, conforme atestado pelo número de Páscoas a que se refere (João relata pelo menos três, e os sinóticos apenas uma); há uma ou duas questões de grande dificuldade decorrentes, em parte, do conhecimento do pano de fundo das circunstâncias e dos rituais. Em particular, a cronologia da Paixão no quarto evangelho, quando comparada à dos sinóticos, parece tão idiossincrática que deu origem a teorias complexas sobre calendários independentes, ou sobre argumentos teológicos de que João teria deliberadamente alterado a cronologia. [...]”⁸

Veja que é admitida uma alteração deliberada da cronologia na narrativa joanina. Concordo plenamente com essa possibilidade. Acredito que João decidiu alterar a cronologia, propositalmente, para privilegiar uma narrativa temática. Ou seja, no quarto Evangelho, os eventos não se desenrolam (necessariamente!) na ordem natural dos acontecimentos, mas segundo uma ordem temática-teológica.

Existe, obviamente, certa ordem lógica nos eventos narrados. Jesus inicia seu ministério a partir do encontro com João Batista, realiza o primeiro milagre, João Batista é o primeiro a despertar a atenção dos líderes judeus, e Jesus passa a ser o segundo alvo da curiosidade deles. Jesus decide sair da Judeia e faz o caminho por Samaria para chegar à Galileia. O desenvolvimento da narrativa continua para o ápice com os gregos procurando

⁷ CARSON, D. A. O Comentário de João ; tradução: Daniel de Oliveira & Vivian Nunes do Amaral. — São Paulo ; Shedd Publicações, 2007. p. 24

⁸ Ibidem

por Jesus, traição, prisão, morte e ressurreição. Contudo, não me parece que a coesão textual se dá por outra coisa senão a amarração temática existente entre os eventos relatados.

UMA ORGANIZAÇÃO REDACIONAL TEMÁTICA

Uma teoria redacional temática para o quarto Evangelho explicaria muita coisa. Resolveria as dificuldades de sua harmonia com os sinóticos, evitaria as confusões com relação à cronologia dos eventos e possíveis anacronismos – como, por exemplo, uma apologética contra o gnosticismo (ou proto-gnosticismo) que só surgiria mais tarde, próximo à data de redação do Evangelho e não da narrativa.

Mas se João realmente seguiu uma ordem temática, quais seriam esses temas que “regem” sua composição?

O escritor deixa claro que sua intenção era escrever uma Boa Nova para convencer o leitor de que Jesus era o Messias, o Filho de Deus.

“Jesus fez diante dos discípulos muitos outros milagres que não estão escritos neste livro. Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Messias, o Filho de Deus. E para que, crendo, tenham vida por meio dele” (João 20:30-31 – NTLH).

João também busca mostrar que aquele que crê no Filho de Deus tem vida por meio dEle. Esses dois ensinamentos estão presentes no Evangelho e nas epístolas de João. O restante parece ter importância secundária ou é apenas desdobramento desses dois temas principais.

Provar a natureza divina de Jesus parece ser uma preocupação central no texto joanino. Seu prólogo apresenta, já na primeira linha, a origem divina do Messias: Ele era o Logos divino. Jesus estava no princípio com Deus e era Deus! E somente no quarto Evangelho encontramos Jesus declarando ser o próprio Deus: o “Eu sou” – clara referência a Êxodo 3:14.

É importante também notar que em contraponto ao tema “fé no Filho e vida por meio dEle”, João apresenta uma conjuntura marcante em seu Evangelho: a rejeição dos judeus e a inclusão dos gentios. Realidade apontada no início de seu livro: *“Aquele que é a Palavra veio para o seu próprio país, mas o seu povo não o recebeu”* (João 1:11 – NTLH). A nova aliança de Deus deixaria de ser étnica para ser firmada apenas mediante a fé. Deixaria de ser exclusividade dos judeus e passaria a abarcar todo o mundo. Nenhum gentio precisaria se tornar judeu para fazer parte da aliança. A inclusão dos gentios na nova aliança parece ser o clímax da narrativa.

“Entre o povo que tinha ido a Jerusalém para tomar parte na festa, estavam alguns não-judeus. Eles foram falar com Filipe, que era da cidade de Betsaida, na

Galileia, e pediram: — Senhor, queremos ver Jesus. Filipe foi dizer isso a André, e os dois foram falar com Jesus. Então ele respondeu: — Chegou a hora de ser revelada a natureza divina do Filho do Homem” (João 12:20-23 – NTLH).

A busca por Jesus pelos não-judeus parece ser o ponto da virada em sua história. A partir desse momento, na narrativa joanina, Jesus toma o rumo da cruz. Parece-me o ato “prenunciado” em João 1:11-13:

“Aquele que é a Palavra veio para o seu próprio país, mas o seu povo não o recebeu. Porém alguns creram nele e o receberam, e a estes ele deu o direito de se tornarem filhos de Deus. Eles não se tornaram filhos de Deus pelos meios naturais, isto é, não nasceram como nascem os filhos de um pai humano; o próprio Deus é quem foi o Pai deles” (NTLH).

A aliança de Deus com seu povo, que era estabelecida por filiação natural, pela descendência de Abraão – carne e sangue –, agora, seria estabelecida pela fé no Filho. Os judeus, feitos filhos de Deus pela carne e sangue, da descendência de Abraão, rejeitaram a Palavra (o Logos); os não-judeus, sem parentesco com Abraão, foram feitos filhos de Deus porque foi o próprio Pai quem os gerou espiritualmente.

Coincidência ou não, logo depois que João narra o encontro de Jesus com os não-judeus em João 12:20-23 e estabelece o evento como o momento da virada, “a hora de ser revelada a natureza divina do Filho do Homem”, ele fala mais uma vez da incredulidade dos judeus a partir do verso 37 do capítulo 12. João condiciona a incredulidade ao propósito divino quando diz: “Deus cegou os olhos deles e fechou a mente deles, para que não vejam, e não entendam, e não se voltem para ele, e sejam curados por ele”⁹ (João 12:40 – NTLH). Ou seja, era da vontade de Deus que os judeus rejeitassem o Messias e que os não-judeus cressem nele.

Apenas três capítulos adiante, João traz a parábola da videira. Enfatizando que os ramos que não estão ligados a Ele não darão fruto. A mesma alegoria da videira é empregada por Paulo para falar de judeus e não-judeus em Romanos 11:11-24.

Temos, então, uma segunda temática concorrente que permeia todo o Evangelho de João: a antiga aliança com base numa paternidade de carne e sangue e uma nova aliança do Pai com seus filhos gerados espiritualmente.

⁹ Somente a NTLH traz a palavra Deus como sujeito do verbo cegar. As traduções AS21, ARA e NVI seguem o texto grego, literalmente. Esta é uma citação de Isaías 6:10, cujo texto Massorético traz Deus dando ordem ao profeta de cegar o povo, na Septuaginta quem faz isso é o próprio povo. O entendimento dos tradutores para colocar Deus como sujeito na citação de João parece-me correta! É desta forma, como ordem divina, que Paulo cita o mesmo texto em Atos 28:25-28.

UM LIVRO TEOLÓGICO DE CONTRASTES

O quarto Evangelho é considerado o mais teológico dos quatro. João trabalha dualidades contrastantes o tempo todo e sempre há um significado, uma implicação teológica. Vejamos o que Carson (2007) nos diz sobre a dualidade luz e trevas:

“As ‘trevas’ em João não são somente ausência de luz, mas um mal concreto (cf. 3.19; 8.12; 12.35,46; 1Jo 1.5,6; 2.8,9,11); a luz não é só revelação ligada à criação, mas à salvação. À parte da luz trazida pelo Messias, a Palavra encarnada, as pessoas amam as trevas porque suas obras são más (3.19) e, quando a luz aparece, elas a odeiam, porque não querem que suas obras sejam expostas (3.20). De fato, sempre que é verdade que a luz brilham nas trevas, também é verdade que as trevas não a entenderam (tomando katelaben como na NVI).”¹⁰

Há outras dualidades, como: vida e morte, de cima e de baixo, verdade e mentira, visão e cegueira e ainda carne e espírito. É importante dar atenção a esses contrastes, porque um escritor certamente os teria criado com algum interesse. Quando João traz a informação de que “Deus é espírito, e por isso os que o adoram devem adorá-lo em espírito”, sou levado a buscar o contraste: “espírito” vs. “carne”. Volto apenas um capítulo e o encontro na conversa de Jesus com Nicodemos!

A CONVERSA COM NICODEMOS

Para retomar o meu raciocínio, preciso refazer o esquema temático do primeiro capítulo da narrativa de João:

- 1) Natureza divina do Filho de Deus – “No começo aquele que é a Palavra já existia. Ele estava com Deus e era Deus” (João 1:1 – NTLH).
- 2) Incredulidade dos filhos de carne e sangue – “Aquele que é a Palavra veio para o seu próprio país, mas o seu povo não o recebeu” (João 1:11 – NTLH).
- 3) Credulidade dos filhos gerados pelo próprio Deus – “Eles não se tornaram filhos de Deus pelos meios naturais, isto é, não nasceram como nascem os filhos de um pai humano; o próprio Deus é quem foi o Pai deles” (João 1:13 – NTLH).

Cada item temático do primeiro capítulo, como apresentado acima, parece ser descompactado em três capítulos:

- 1) No segundo capítulo, Jesus transforma a água em vinho: “Jesus fez esse seu primeiro milagre em Caná da Galileia. Assim ele revelou a sua natureza divina, e os seus discípulos creram nele” (João 2:11 – NTLH).

¹⁰ CARSON, D. A. O Comentário de João (tradução: Daniel de Oliveira & Vivian Nunes do Amaral) – São Paulo; Shedd Publicações, 2007, p. 120.

- 2) No terceiro capítulo, Jesus mostra para Nicodemos que não basta ser judeu para ver o Reino de Deus: *“Por isso não fique admirado porque eu disse que todos vocês precisam nascer de novo”* (João 3:7 - NTLH). Deus não amou apenas judeus e não enviou seu Filho somente para salvar judeus, mas o mundo (isso inclui os não-judeus!).
- 3) No quarto capítulo, Jesus estende a salvação aos samaritanos: *“Quando os samaritanos chegaram ao lugar onde Jesus estava, pediram a ele que ficasse com eles, e Jesus ficou ali dois dias. E muitos outros creram por causa da mensagem dele. Eles diziam à mulher: — Agora não é mais por causa do que você disse que nós cremos, mas porque nós mesmos o ouvimos falar. E sabemos que ele é, de fato, o Salvador do mundo”* (João 4:40-42 – NTLH).

Para entender melhor como o diálogo de Nicodemos se relaciona com a conversa de Jesus com a mulher samaritana, precisamos analisar o capítulo 3, versos de 1 a 13 (NTLH), com mais atenção.

UMA ANÁLISE DO DIÁLOGO

“Havia um fariseu chamado Nicodemos, que era líder dos judeus. Uma noite ele foi visitar Jesus e disse: — Rabi, nós sabemos que o senhor é um mestre que Deus enviou, pois ninguém pode fazer esses milagres se Deus não estiver com ele”.

Nicodemos era um fariseu, um líder dos judeus. Ele iniciou a conversa como quem desejava deixar claro que o papo seria entre iguais. Não se tratava de um leigo qualquer. Nicodemos era um líder judeu e queria demonstrar que sabia o que estava falando: *“nós sabemos que o senhor é um mestre que Deus enviou, pois ninguém pode fazer esses milagres se Deus não estiver com ele”*. Para sua surpresa, Jesus não pensava o mesmo dele!

“Jesus respondeu: — Eu afirmo ao senhor que isto é verdade: ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo”.

Ou seja, os líderes judeus, se achavam os sabichões e acreditavam estar no controle da situação, mas Jesus deixou bem claro que eles, na verdade, desconheciam tudo o que estava acontecendo.

A palavra ἄνωθεν /anōthen/ traduzida sempre por “de novo” poderia, também, ser traduzida por “do alto”. Na verdade, aqui encontramos um trocadilho, e Nicodemos não entendeu a pegadinha. O que Jesus quis dizer foi que era preciso nascer “do alto”, mas o fariseu entendeu como “de novo”.

“Nicodemos perguntou: — Como é que um homem velho pode nascer de novo? Será que ele pode voltar para a barriga da sua mãe e nascer outra vez? Jesus disse: — Eu afirmo ao senhor que isto é verdade: ninguém pode entrar no Reino de Deus se não nascer da água e do Espírito. Quem nasce de pais humanos é um ser de natureza humana; quem nasce do Espírito é um ser de natureza espiritual. Por isso não fique admirado porque eu disse que todos vocês precisam nascer de novo”.

Diante da falta de habilidade linguística de Nicodemos, Jesus repetiu o que ele não entendeu, mas com detalhes e melhor explicado. O nascer “de novo” (ou melhor, do alto) é um nascimento da água e do Espírito.

Há quase consenso entre os estudiosos de que Jesus fazia referência a Ezequiel 26:25-26:

“Borrifarei água limpa sobre vocês e os purificarei de todos os seus ídolos e de todas as coisas nojentas que vocês têm feito. Eu lhes darei um coração novo e porei em vocês um espírito novo. Tirarei de vocês o coração de pedra, desobediente, e lhes darei um coração bondoso, obediente” (NTLH).

Observe os paralelos entre João e Ezequiel:

- 1) “Nascer da água” em João e “borrifar água limpa” em Ezequiel.
- 2) “Nascer do Espírito” em João e “porei em vocês um espírito novo” em Ezequiel.

Em Ezequiel, é Deus quem claramente faz a pessoa nascer de novo. É Deus quem borrifava a água e é Deus quem põe um espírito novo no crente. Logo, faz mais sentido entender a expressão grega γεννηθῆ ἄνωθεν /gennēthē anōthen/ como “nascer do alto”! Jesus é ainda mais enfático quando diz: “Quem nasce de pais humanos é um ser de natureza humana; quem nasce do Espírito é um ser de natureza espiritual” – obviamente, porque nasceu do alto, de Deus! Vale lembrar que mais uma vez temos um desdobramento da abertura do livro quando João escreveu:

“Eles não se tornaram filhos de Deus pelos meios naturais, isto é, não nasceram como nascem os filhos de um pai humano; o próprio Deus é quem foi o Pai deles” (João 1:13 – NTLH).

Novamente, Jesus enfatizou que os judeus precisavam *nascer do alto* para ver o Reino de Deus, o nascimento *da carne* já não significava mais nada. A nova aliança estaria firmada em um *nascimento do Espírito*: “Por isso não fique admirado porque eu disse que todos vocês precisam nascer de novo”. Jesus continuou sua explicação com mais detalhes sobre a *natureza espiritual* desse *nascimento do alto*:

“O vento sopra onde quer, e ouve-se o barulho que ele faz, mas não se sabe de onde ele vem, nem para onde vai. A mesma coisa acontece com todos os que nascem do Espírito”.

A palavra πνεῦμα /pneuma/ pode ser traduzida como “vento” ou “espírito”, mais um trocadilho que Jesus empregou em sua conversa. Jesus, então, comparou o agir do “vento” com o agir do “Espírito”, enfatizando que o *nascimento do alto* é gerado pelo *Espírito*.

“— Como pode ser isso? — perguntou Nicodemos. Jesus respondeu: — O senhor é professor do povo de Israel e não entende isso? Pois eu afirmo ao senhor que isto é verdade: nós falamos daquilo que sabemos e contamos o que temos visto, mas vocês não querem aceitar a nossa mensagem. Se vocês não crêem quando falo das coisas deste mundo, como vão crer se eu falar das coisas do céu? Ninguém subiu ao céu, a não ser o Filho do Homem, que desceu do céu”.

Mais uma vez Nicodemos coçou a cabeça, porque não entendeu nada! Aquela arrogância inicial desapareceu. Jesus estava certo em dizer que eles não enxergavam nada do Reino de Deus; e, novamente, encontramos mais uma dualidade (baixo e alto): *“falo das coisas deste mundo...”* e *“...falar das coisas do céu”*.

Interessante notar que João mais uma vez costura sua narrativa da conversa com Nicodemos com o que já havia mencionado no primeiro capítulo, compare:

“A Palavra era a fonte da vida, e essa vida trouxe a luz para todas as pessoas. A luz brilha na escuridão, e a escuridão não conseguiu apagá-la” (João 1:4-5 – NTLH).

“E é assim que o julgamento é feito: Deus mandou a luz ao mundo, mas as pessoas preferiram a escuridão porque fazem o que é mau. Pois todos os que fazem o mal odeiam a luz e fogem dela, para que ninguém veja as coisas más que eles fazem. Mas os que vivem de acordo com a verdade procuram a luz, a fim de que possa ser visto claramente que as suas ações são feitas de acordo com a vontade de Deus” (João 3:19-21 - NTLH).

Esses paralelos costurados entre os diferentes eventos da narrativa joanina me fazem crer, ainda mais, que sua organização redacional foi temática.

Vale ressaltar que o episódio do Templo (2:13-25) tem sua conexão com a conversa de Nicodemos (3:14). Sua crucificação, à semelhança da serpente que Moisés levantou no deserto para salvar o povo da morte, e sua ressurreição (simbolizada pela “reconstrução” do Templo) garantem a vida. Não a vida terrena, como aquela dos que foram salvos pela serpente no deserto, mas a vida eterna! Os eventos narrados por João estão intricadamente amarrados.

A REJEIÇÃO DOS JUDEUS E ACEITAÇÃO DOS GENTIOS

João fechou o seu prólogo falando da rejeição dos judeus: “*mas o seu povo não o recebeu*”. Nicodemos parece-me inserido na narrativa como a “personificação” desse povo. Um representante da antiga aliança, incompatível com a nova aliança inaugurada por Cristo. Os novos participantes da aliança neotestamentária serão gerados por descendência espiritual, como Paulo escreve em Romanos 4:16 e Gálatas 23-26:

“Portanto, a promessa de Deus depende da fé, a fim de que a promessa seja garantida como presente de Deus a todos os descendentes de Abraão. Ela não é somente para os que obedecem à lei, mas também para os que creem em Deus como Abraão creu, pois ele é o pai espiritual de todos nós” (NTLH).

“O filho da escrava foi gerado como todas as crianças são geradas, mas o filho da mulher livre foi gerado por causa da promessa de Deus. Isto serve como um símbolo: as duas mulheres representam as duas alianças. Uma aliança é a do monte Sinai e está representada por Agar. Os que são dessa aliança nascem escravos. Pois Agar representa o monte Sinai, na Arábia, e Agar é o símbolo da Jerusalém atual, que é escrava com todo o seu povo. Mas a Jerusalém celestial é livre e ela é a nossa mãe” (NTLH).

Compare com João 1:13: “*Eles não se tornaram filhos de Deus pelos meios naturais, isto é, não nasceram como nascem os filhos de um pai humano; o próprio Deus é quem foi o Pai deles*” (NTLH).

O que importa, então, é a natureza espiritual do novo nascimento. Essa temática é importante no texto joanino. Se, na antiga aliança, o povo de Deus era formado por meio de uma origem étnica, de carne e sangue; agora, na nova aliança, o povo de Deus é formado por meio de uma origem espiritual, gerada pelo Espírito. Nascer judeu não era mais necessário para ver o Reino de Deus, mas sim *nascer de novo* (do alto), do Espírito.

A própria narrativa do primeiro milagre, no segundo capítulo, serve de símbolo para a transição da primeira para a segunda aliança. A água que foi transformada em vinho era utilizada para o ritual de ablução – um procedimento de purificação, uma necessidade da Lei, da antiga aliança. A água, representando a antiga aliança, firmada na Lei, é transformada em vinho – que por coincidência (ou não!) está presente na ceia como símbolo da nova aliança.

UM CONTRASTE IMPORTANTE: CARNE VS. ESPÍRITO

João afirma que “*quem nasce de pais humanos é um ser de natureza humana; quem nasce do Espírito é um ser de natureza espiritual*” (João 3:6 – NTLH). Esse contraste entre natureza humana e natureza espiritual é uma dualidade importante na narrativa joanina. Não só em seu Evangelho como também em suas epístolas.

Acredito, portanto, que o contraste carne vs. espírito – natureza humana e natureza espiritual – deve ser uma das claves interpretativas quando trabalhamos nossa hermenêutica do Evangelho de João.

Assim, com base nos postulados apresentados acima, o texto de João 4:23-24, aparentemente obscuro, ganha um pouco de luz!

ADORAR EM ESPÍRITO E EM VERDADE

“Mas virá o tempo, e, de fato, já chegou, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e em verdade. Pois são esses que o Pai quer que o adorem. Deus é Espírito, e por isso os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade” (João 4:23-24 – NTLH).

Quando utilizamos os capítulos 1, 2 e 3 para contextualizar o capítulo 4 do Evangelho de João, chegamos a uma possível explicação para o que significa “*adorar em espírito e em verdade*”.

O templo era uma necessidade da antiga aliança, algo que seria desnecessário na nova aliança. O véu seria rasgado, não precisaríamos mais de um sumo-sacerdote para apresentar expiação pelos nossos pecados. Adoração no contexto judaico, debaixo da Lei, estava estritamente relacionada ao sacrifício e todos os rituais no âmbito do templo. Samaria já não tinha mais templo no qual os samaritanos pudessem prestar adoração, e Jerusalém, em breve, perderia seu templo. Assim, tudo isso se tornaria insignificante porque a adoração não seria mais realizada nos moldes da antiga aliança, regulada pela Lei, por meio da descendência natural em Abraão.

A nova aliança seria firmada no novo nascimento (do alto) gerado pelo Espírito. “*O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito*” (João 3:6 – ARA). Quem nasce do Espírito é *espírito*; tem, portanto, a mesma natureza do Pai, que é *espírito*. Ou seja, somente por meio do novo nascimento é possível adorar a Deus em espírito e em verdade.

Deus não busca mais adoradores que o adorem nos moldes da antiga aliança, por meio da Lei e do sacrifício de cordeiros. Os novos adoradores são aqueles que nasceram dEle por meio da água e do Espírito, nasceram de novo pelo sacrifício do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!

CONCLUSÃO

Concluo que o verdadeiro adorador é aquele que nasceu de novo, pois tem ele a mesma natureza do Pai. Aquele que ainda não nasceu de novo (do alto) não poderá adorar a Deus em espírito, porque é carne – sua natureza é apenas humana.

Esta conclusão depende de um postulado inicial: a organização do Evangelho de João não é cronológica como dos outros Evangelhos sinóticos, mas sim temática. Dependo, portanto, de uma hermenêutica da redação joanina bem mais abrangente que a simples análise de contexto imediato.

Existe uma unidade de pensamento que amarra todo o quarto Evangelho. Assim como a aparência de traços segmentados de uma costura é, na verdade, uma só linha que emerge do tecido em determinado intervalo; a temática “natureza espiritual” no texto joanino tem a mesma aparência segmentada, mas é apenas uma só linha de raciocínio que vem à superfície do texto intermitentemente. Se ignorarmos os assuntos dos intervalos, a unidade torna-se evidente:

João 1:13 – *“Eles não se tornaram filhos de Deus pelos meios naturais, isto é, não nasceram como nascem os filhos de um pai humano; o próprio Deus é quem foi o Pai deles”* (NTLH).

João 3:5-6 – *“Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito”* (ARA).

João 4:24 – *“Deus é Espírito, e por isso os que o adoram devem adorá-lo em espírito...”* (NTLH).

O adorar em espírito é, portanto, uma questão relacionada à natureza do adorador!

Há maior probabilidade de emprego equivocado de um texto bíblico quando desconhecemos seu real significado. Tentar chutar o significado de um texto obscuro sem o menor rigor metodológico também não é recomendável. Você pode discordar da minha hermenêutica de João 4:23-24; mas, em meio a tantas vozes, acredito ter apresentado uma explicação para o significado de "adorar em espírito" que segue os essenciais princípios da boa metodologia teológica.

Se a adoração em espírito está realmente relacionada à natureza do adorador, não podemos lidar com ela como se fosse uma questão de fazer, ou saber fazer. Não existe uma fórmula! O que você precisaria "fazer" para adorar a Deus em espírito seria nascer de novo (do alto). Todavia, isso não depende de você, é obra do Espírito! É Deus quem borrija água sobre você para que nasça da água e colocar seu Espírito em você para que nasça do Espírito.

Quem nasce do Espírito é espírito. Deus é espírito. Portanto, você poderá assim adorá-lo verdadeiramente em espírito!

Compelir a Igreja para adorar em espírito não faz sentido, pois não é uma questão de fazer, mas de ser espírito - de ter uma nova natureza espiritual. Algumas pessoas fazem de textos como João 4:23-24 uma espécie de chave mística para um gnosticismo evangélico. Empregam o texto sem a necessidade de entender o que ele significa. Estão conscientes de que deve existir um significado, mas esse conhecimento é envolto a mistérios, um segredo que só os espirituais entendem... Para não ficarem por baixo, alguns apenas repetem os versículos de João 4:23-24 como se tudo fosse muito óbvio.

Precisamos dar um basta nesse mundo de faz de contas: fingir que se compreende o texto e viver uma espiritualidade fantasiosa. Isso não pode ser a marca de um cristianismo verdadeiro! Lamentavelmente, é o que vemos por aí...

Infelizmente (ou felizmente!), ninguém será dono da verdade, porque todos podem errar. O sujeito pode continuar errando até o fim da vida, mas será desculpado enquanto for sincera a sua busca pela verdade; porém, o fingimento é inaceitável!

"Todo aquele que ler estas explanações, quando tiver certeza do que afirmo, caminhe lado a lado comigo; quando duvidar como eu, investigue comigo; quando reconhecer que foi seu o erro, venha ter comigo; se o erro for meu, chame minha atenção. Assim haveremos de palmilhar juntos o caminho da caridade em direção àquele de quem está dito: Buscai sempre a sua face".

Agostinho de Hipona

UMA NOTA SOBRE JOÃO 3:16

Depois de ter apresentado uma análise dos quatro primeiros capítulos do Evangelho de João para responder uma questão sobre a natureza espiritual dos adoradores que o Pai procura, como apresentada no final do relato da conversa de Jesus com a mulher samaritana; julguei, também, oportuno trazer esta nota sobre como interpreto João 3:16 dentro da metodologia já defendida anteriormente: a organização redacional temática do texto joanino.

Primeiramente preciso recolocar a acepção da palavra “amor” em seu devido contexto. Nosso entendimento ocidental de “amor” está mais relacionado a sentimentos do que a atitudes. Amar é sentir algo por alguém. Para o povo da Bíblia, amar é fazer alguma coisa por alguém. Considere o texto da parábola do bom samaritano: quem amou foi aquele que *fez* alguma coisa pelo próximo! A Almeida Revista e Corrigida trazia a tradução “caridade” para as ocorrências da palavra “amor” no texto bíblico porque caridade está mais para o “fazer” do que para o “sentir”. Hoje, “caridade” está mais para um ato de solidariedade ou pena, e a tradução foi substituída pela palavra “amor” na última edição da ARC.

Pelo simples fato de versões bíblicas divergirem quanto à tradução da palavra “amor” já nos sinaliza a dificuldade de compreender o termo em seu sentido exato. Há dois termos gregos traduzidos por *amor*: “ágape” e “fileo”. Por muito tempo houve consenso de que “ágape” era um *amor* divino e “fileo” um *amor* humano ou fraternal; mas, hoje, poucos ainda sustentam esse entendimento. Carson (2007, p. 676) afirma que não é possível encontrar tal distinção no emprego dos termos gregos para a palavra *amor* no texto bíblico. O Léxico baseado em domínios semânticos (NIDA e LOUW, 2013) aponta para a mesma direção com pequenas ressalvas em alguns contextos. Vale destacar que o léxico coloca a palavra *amor* no campo semântico de “atitudes” e “emoções”.

Obviamente, no contexto bíblico, há também sentimento envolvido; mas a ênfase está na “ação” e não no “sentimento”. Considere 1João 3:18: “*Meus filhinhos, o nosso amor não deve ser somente de palavras e de conversa. Deve ser um amor verdadeiro, que se mostra por meio de ações*” (NTLH). A mesma evidência pode ser encontrada em Romanos 13:10: “*O amor não pratica o mal contra o próximo*” (ARA).

A mesma relação de “amor” e “ação” está registrada em João 3:16. “Dar o seu filho” é a ação que qualifica o amor que Deus tem pelo mundo. O que João inicialmente diz é que Deus “fez” alguma coisa pelo mundo!

Existe ainda outra questão a ser considerada com relação ao emprego da palavra *amor* em João. Lembre-se que João é o autor dos grandes contrastes e trabalha a dualidade “amar”

e “odiar”. Vale ressaltar que, à semelhança de “amar”, “odiar” também não é necessariamente uma questão de sentir “ódio” por alguém, está mais para “agir” com desprezo.

“Se alguém diz: ‘Eu amo a Deus’, mas odeia o seu irmão, é mentiroso. Pois ninguém pode amar a Deus, a quem não vê, se não amar o seu irmão, a quem vê” (1 João 4:20 - NTLH).

“Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna” (João 12:25 - ARA).

“Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (João 15:19 - ARA).

Noutros textos encontramos o contraste “amor” e “ódio” implícito:

“Pois todos os que fazem o mal odeiam a luz e fogem dela, para que ninguém veja as coisas más que eles fazem” (João 3:20 - NTLH).

“O mundo não pode ter ódio de vocês, mas tem ódio de mim porque eu afirmo que o que o mundo faz é mau” (João 7:7 - NTLH).

“Jesus continuou: — Se o mundo odeia vocês, lembrem que ele me odiou primeiro” (João 15:18 - NTLH).

“Quem me odeia odeia também o meu Pai. 15.24 Se eu não tivesse feito entre elas essas coisas que nenhum outro fez, elas não teriam nenhum pecado. Mas agora viram o que eu fiz e continuam a odiar tanto a mim como o meu Pai” (João 15:23-24 - NTLH).

“Quem diz que vive na luz e odeia o seu irmão está na escuridão até agora. Mas quem odeia o seu irmão está na escuridão, anda nela e não sabe para onde está indo, porque a escuridão” (1 João 2:9 e 11 - NTLH).

“Meus irmãos, não estranhem se as pessoas do mundo os odeiam. Quem odeia o seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem em si a vida eterna” (1 João 3:13 e 15 - NTLH).

Assim, nesse contexto de contrastes, podemos entender que João também quis dizer que Deus *amou* o mundo com o mesmo valor semântico de: “Deus *não desprezou* o mundo”. E isso seria significativo numa conversa com um judeu.

A esperança messiânica contemplava a restauração de Israel e o castigo das nações que faziam o povo escolhido sofrer. O Messias socorreria Israel e julgaria o mundo. A restauração de Israel, com a glória que havia no reinado de Davi, era a grande expectativa por trás da figura messiânica. Talvez o texto mais marcante esteja registrado em Lucas 24:21: “*E a nossa esperança era que fosse ele quem iria libertar o povo de Israel. Porém já faz três dias que tudo isso aconteceu*” (NTLH). Vale lembrar que libertar Israel implicava também castigar as outras nações.

Havia um sentimento de exclusivismo na esperança messiânica. Israel, o povo eleito, seria a única nação beneficiada pelo Messias redentor. Acredito que esse contexto esteja envolvido na conversa de Jesus com Nicodemos, com importância capital na compreensão correta da palavra “mundo” em João 3:16.

Israel era o povo eleito – consagrado, separado. Os outros povos não tinham a Lei e estavam excluídos da aliança firmada exclusivamente com os eleitos. Enquanto Israel era o povo de Deus, a nação santa, os outros povos eram gentios, excluídos e discriminados. Os povos eram divididos entre judeus e não-judeus (gentios). O Messias seria o redentor apenas dos judeus!

Desde o início de seu Evangelho, João apresenta a expectativa da chegada do Messias. No primeiro capítulo, logo depois do prólogo, a narrativa é aberta com sacerdotes e levitas enviados para perguntarem a João Batista se ele era o Messias (João 1:19-20):

“Os líderes judeus enviaram de Jerusalém alguns sacerdotes e levitas para perguntarem a João quem ele era. João afirmou claramente: — Eu não sou o Messias” (NTLH).

Depois de narrar a expectativa dos líderes judeus de encontrarem o esperado Messias em João Batista no primeiro capítulo, Jesus passa a ser o novo alvo quando começou a batizar mais discípulos que João, como registrado no quarto capítulo. Entre os dois eventos, João nos apresenta esta conversa de Jesus com Nicodemos. Assim como os líderes judeus enviaram sacerdotes e levitas para interrogarem João Batista, Nicodemos, possivelmente, foi investigar quem era Jesus. A expectativa de ser ele o Messias devia, também, fazer parte dessa busca de Nicodemos. Não acho que a maneira como Nicodemos inicia sua conversa seja casual ou sem conexão com aquela expectativa messiânica: “...sabemos que o senhor é um mestre que Deus enviou, pois ninguém pode fazer esses milagres se Deus não estiver com ele” (João 3:2 – NTLH).

Se Nicodemos foi investigar Jesus crendo que ele poderia ser o Messias, assim como foram investigar João Batista, a expectativa de um Messias exclusivo de Israel deveria fazer parte das expectativas de Nicodemos (e possivelmente dos leitores de João). Portanto, caberia uma observação de João de que o Messias não seria o redentor apenas de Israel, como todos esperavam, mas dos gentios também!

Nicodemos, como judeu, membro legítimo do povo eleito, pensava ser o rei da cocada preta e bom entendedor do Reino de Deus; mas, Jesus deixou bem claro que ele (e todos os outros) precisava nascer de novo para ver o Reino de Deus.

Há grande discussão se João 3:16 pertence ainda à fala de Jesus ou se é a voz do autor (João), defendendo a tese de que se trata de uma nota explicativa de João interrompendo a narrativa do diálogo. Ao apresentar o diálogo de Jesus com Nicodemos para anunciar uma nova aliança que seria firmada pela fé no Filho de Deus e não mais na obediência à Lei e restrições étnicas (carne e sangue), João explicita que o Messias seria o redentor do “mundo” e não apenas de Israel.

Assim como “nascer da água e do Espírito” é referência a Ezequiel 26:25-26, acredito que João 3:16 seja referência a Amós 9:7:

“O SENHOR Deus diz: — Povo de Israel, eu amo o povo da Etiópia tanto quanto amo vocês. Assim como eu trouxe vocês do Egito, eu também trouxe os filisteus da ilha de Creta e os arameus da terra de Quir” (NTLH).

Amós, portanto, anuncia uma realidade nova para o paradigma teológico do povo de Deus que será completa no Novo Testamento: Deus amou os outros povos e não só Israel. Deus amou os gentios também! Deus amou o mundo!

Por conseguinte, João vai revelando progressivamente, por meio de sua narrativa, que Jesus é o Messias tão esperado pelos judeus, mas não seria o salvador exclusivo deles, seria salvador do mundo. E se existe, de fato, amarração temática intencional entre a conversa de Nicodemos e da mulher samaritana, podemos destacar a seguinte coesão temática: João apresenta a dualidade judeus e não-judeus (mundo) em 1:11-13. Judeus perdem a exclusividade da aliança, e o “mundo” é incluído por meio da fé. Em 1:29, o Messias é apresentado como o redentor do mundo. Em Caná (2:1-12), o primeiro milagre simboliza a mudança entre a antiga e nova aliança que substituirá a Lei, assim como o vinho tomou o lugar da água usada para a ablução. No terceiro capítulo, Nicodemos representa os judeus, destituídos da exclusividade na promessa messiânica. E a mulher samaritana espelha a inclusão do mundo na nova aliança.

Israel deixa de ser o alvo exclusivo do amor de Deus, e o mundo ganha esperança na redenção messiânica. Observe a relação entre João 3:16-17 e 4:42:

“Porque Deus amou o mundo tanto, que deu o seu único Filho, para que todo aquele que nele crer não morra, mas tenha a vida eterna. Pois Deus mandou o seu Filho para salvar o mundo e não para julgá-lo” (NTLH).

“Eles (samaritanos) diziam à mulher: — Agora não é mais por causa do que você disse que nós cremos, mas porque nós mesmos o ouvimos falar. E sabemos que ele é, de fato, o Salvador do mundo” (NTLH).

Dentro da narrativa temática joanina, Jesus representava a salvação messiânica num contraste entre o que os judeus esperavam (exemplificado por Nicodemos em João 3) e o que, de fato, aconteceu (exemplificado pelos samaritanos em João 4).

Portanto, o texto de João 3:16 jamais deveria ser usado como texto prova contra a teologia reformada no que tange à expiação limitada, eleição e predestinação. João 3:16 apenas ampliou o escopo da eleição, que, agora, abarca todos os povos e não só Israel.

Embora minha análise esteja centrada na acepção da palavra “mundo” no contexto dos capítulos 3 e 4, convém ampliar um pouco mais o *efeito de sentido* de “mundo” na redação joanina. O termo “mundo” pode ser sinônimo de “trevas”, a ordem criada lapsária, a criação – antes perfeita – afetada pelo pecado. O “mundo” em trevas contrasta com Reino de Deus, que seria sinônimo de luz.

“A luz verdadeira que veio ao mundo e ilumina todas as pessoas” (João 1:9 – NTLH). As pessoas do mundo estão em trevas e precisam da luz, que é Cristo. A relação “mundo e trevas” também está presente no capítulo 3: *“E é assim que o julgamento é feito: Deus mandou a luz ao mundo, mas as pessoas preferiram a escuridão porque fazem o que é mau. Pois todos os que fazem o mal odeiam a luz e fogem dela, para que ninguém veja as coisas más que eles fazem” (João 3:19-20 – NTLH).* E ainda em João 8:12: *“De novo Jesus começou a falar com eles e disse: —Eu sou a luz do mundo; quem me segue nunca andarás na escuridão, mas terá a luz da vida” (NTLH).*

Esse emprego de mundo no contraste “luz e trevas” não invalida a interpretação sugerida em meu trabalho porque o *mundo*, em oposição a *Reino de Deus*, caminha sem Deus, em trevas.

“A Palavra estava no mundo, e por meio dela Deus fez o mundo, mas o mundo não a conheceu” (João 1:10 – NTLH). Aqui é possível ver que a palavra “mundo”, com exceção da última, refere-se à criação. Nesse sentido, “mundo” pode ser o mesmo que “planeta”. Considere os versos a seguir:

“Jesus respondeu: —Por acaso o dia não tem doze horas? Se alguém anda de dia não tropeça porque vê a luz deste mundo” (João 11:9 – NTLH).

“Ainda há muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem escritas, uma por uma, acho que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos” (João 21:25 – NTLH).

“Mundo” também é empregado no contraste “alto” e “baixo”, “celestial” e “terreno”.
Veja João 3:12 e 8:23:

“Se vocês não creem quando falo das coisas deste mundo, como vão crer se eu falar das coisas do céu?” (NTLH)

“Jesus continuou: — Vocês são daqui debaixo, e eu sou lá de cima. Vocês são deste mundo, mas eu não sou deste mundo” (NTLH).

Esse sentido da palavra “mundo” parece-me também ser adequado ao contexto de João 3:16 sem invalidar a tese que propugno no meu trabalho. Deus amou o mundo, o ser humano terreno (de carne e sangue, corrompido pelo pecado) e enviou a luz para esse mundo caído, em trevas.

A variedade polissêmica que João emprega em seu texto é notória e inquestionável. Algumas palavras no texto joanino, principalmente aquelas que compõem seu repertório de contrastes como já tivemos a oportunidade de discutir no início do livro (luz e trevas, dia e noite, alto e baixo etc), assumem um valor semântico *mundano* e outro *transcendente*. Em João 11:9 as palavras “luz” e “mundo” têm significado *mundano*: “... *Se alguém anda de dia não tropeça porque vê a luz deste mundo*” (NTLH). Diferente de João 9:5: “*Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo*” (NTLH). Carson (2007, p. 476), por exemplo, menciona que a palavra “noite” em João 13:30 significava muito mais do que um período do dia sem a luz do sol:

“Judas saiu. E era noite”. Sem dúvida, isto é uma reminiscência histórica, mas é também teologia profunda. [...] Judas foi engolido pelas mais densas trevas, de fato, pelas trevas exteriores (Mt 8.12; 22.13; 25.30). Judas estava indo para seu próprio lugar (cf. 1.5; 3.19-21; At 1.25). Mas, de qualquer forma, também era noite para Jesus: em suma, a hora do poder das trevas (Lc 22.53)”.

Quando olho para o texto de João 3:16, consigo identificar, portanto, um uso *mundano* e outro *espiritual* para a palavra “mundo”: uma referência aos gentios em oposição a Israel como povo eleito da antiga aliança e um amor pelo mundo caído, corrompido pelo pecado, que carece de restauração.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARKER, Kenneth & BURDICK, Donald [et al.] (organizador & coorganizadores) Bíblia de Estudo NVI. São Paulo, Editora Vida, 2003.

Bíblia de Estudo Almeida. Barueri, SP – Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

Bíblia de Estudo NTLH. Barueri, SP – Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BROWN, Raymond E. A comunidade do discípulo amado. Editora Paulus, 1ª edição, 2013.

CARSON, D. A. & MOO, Douglas J. An introduction to the New Testament. Zondervan, 2ª edição.

CARSON, D. A. Comentário de João. (trad. Daniel de Oliveira & Vivian Nunes do Amaral). São Paulo, Shedd Publicações, 2007.

_____. Os perigos da interpretação bíblica: a exegese e suas falácias. Vida Nova, 2ª edição – 2001.

JOSEFO, Flávio. História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém (trad. Vicente Pedroso). Casa Publicadora das Assembleias de Deus, Rio de Janeiro - 8ª edição, 2004.

LOUW, Johannes P. & NIDA, Eugene A. (editores) Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos. (trad. Vilson Scholz) Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.